

OS OSSOS

SOB A

MINHA PELE

Outros livros de TJ Klune
publicados pela Morro Branco

Série Green Creek

Wolfsong: O Chamado

Ravensong: Os Laços

As Crônicas Cerúleas

A Casa no Mar Cerúleo

Em Algum Lugar Além do Mar

Livros únicos

Além da Porta Sussurrante

A Vida Entre Marionetes

TJ KLUNE

OS OSSOS

SOB A

MINHA PELE

Tradução
Ellen Andrade



MORROBRANCO
EDITORA

OS OSSOS SOB A MINHA PELE

Copyright © 2025 MORRO BRANCO

MORRO BRANCO é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2018 TJ Klune

Publicado em comum acordo com o autor e The Knight Agency, através de Yañez, parte da International Editors' Co. S.L. Literary Agency.

ISBN: 978-65-6099-089-0

Translated from original The Bones Beneath my Skin Copyright © 2025 TJ Klune ISBN 978-1-250-89043-6. Published by Tor Publishing Group. PORTUGUESE language edition published by Morro Branco, Copyright © 2025 by STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

K63o

1.ed. Klune, TJ

Os ossos sob a minha pele / TJ Klune ;

tradução

Ellen Andrade. - 1.ed. - Rio de Janeiro :

Morro Branco, 2025.

448 p. ; 14 x 21 cm.

Título original: The bones beneath my skin.

ISBN 978-65-6099-089-0

1. Ficção de fantasia. 2. LGBTQIA - Siglas.

I. Andrade, Ellen. II. Título.

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção de fantasia : Literatura norte-americana 813

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutús

Coordenadora Editorial: Illyabelle Trajano

Produtor Editorial: Marlon Souza

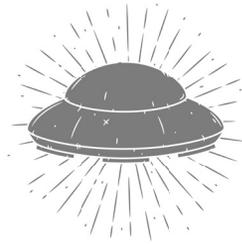
Tradução: Ellen Andrade

Copidesque: Paulo Henrique de Aragão

Revisão: Louise Branquinho

Diagramação: Carol Dias

Capa: Red Nose Studio



Para aqueles que sonham com estrelas.

Amostra



Quem somos? Descobrimos que vivemos em um planeta insignificante de uma estrela monótona perdida em uma galáxia enfiada em algum canto esquecido de um universo onde há muito mais galáxias do que pessoas.

— CARL SAGAN, COSMOS

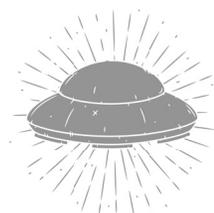


Vocês não vão entender. Pelo menos, não imediatamente.

E tudo bem. Podem até pensar que estou mentindo, e tudo bem também. Só peço que ouçam até o final antes de julgar. Tenho uma história para contar. De um lugar sob uma montanha. Das mentes dos homens. Do que significa ser humano, de fazer um lar onde não deveria existir nenhum. E do que o futuro reserva. Para vocês.

Para mim. Para todos nós.





UM

Ele cantou com o rádio.

Algo sobre pegar uma música triste e melhorá-la.

Depois, riu até mal conseguir respirar.



Ele entrou no Condado de Douglas pouco antes de mais uma música terminar. Havia um informe de notícias a cada hora em ponto.

Uma cantora chamada Selenia fora baleada em um hotel no Texas. Ele nunca tinha ouvido falar dela.

O voo 371 da TAROM, saindo de Bucareste rumo a Bruxelas, tinha caído logo após a decolagem. Todas as sessenta pessoas a bordo morreram. Uma investigação estava em curso. Não havia suspeita de terrorismo até o momento.

O cometa descoberto no ano anterior, Markham-Tripp, se aproximava. Ele já podia ser visto se você soubesse para onde olhar, mas sem preocupação, galera. Só vai passar bem perto de nós antes de voltar para o infinito e além.

E ainda não havia nenhuma informação oficial sobre o helicóptero que caíra semana passada perto do Centro de Treinamento do Corpo de Fuzileiros Navais da Montanha, no norte da Califórnia. A causa da queda seguia sob investigação, embora tenha sido sugerido estar relacionada àquela forte tempestade que atingira a área. As autoridades não revelaram se houve fatalidades.

E agora falando do clima, será um dia lindo, olha só para esse sol, dá para *acreditar*?

Era dia 31 de março de 1995.

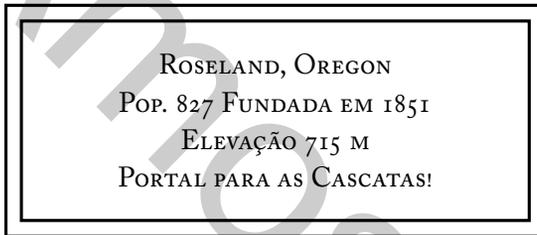
Ele continuou para o sul.



O ar lá fora se tornava mais fresco à medida que se aproximava das montanhas. O sol aquecia sua mão pendurada para fora da janela. O céu azul se estendia sem parar. Havia nuvens, mas poucas.

Belo dia, ele pensou. Claro que sim. É assim que as coisas são.

Ele chegou à cidade no finzinho da tarde. Havia uma placa, velha e desbotada. Estava lá desde que ele era criança e seus pais o levaram para passar algumas semanas na cabana, durante o verão. Dizia:



Ele passou por um restaurante. Uma igreja. Lojas de ambos os lados. Algumas delas abertas. A cidade ainda demoraria um ou dois meses para entrar na alta temporada, mas estaria pronta. Pessoas que vinham das cidades maiores em busca de uma fuga do calor e da rotina gastariam seu dinheiro, tirariam suas fotos e então voltariam para onde vieram.

O ar estava tomado pelo aroma de agulhas de pinheiro e terra. Era como se ele tivesse dez anos de novo e sua mãe e seu pai ainda estivessem apaixonados, apaixonados, apaixonados. Eles iriam rir e cantar com o rádio. Jogariam algo para passar o tempo na estrada. Eu vejo com meus olhinhos. Adivinhar a pessoa ou personagem. Aquele jogo em que você tenta achar uma placa de carro de cada um dos cinquenta estados. Desde cedo, havia aprendido que era *impossível*. O máximo que já conseguira tinha sido sete. Aquele havia sido um bom dia. Uma das placas era do Maine, um lugar incrivelmente distante.

Viu a placa do posto de gasolina antes do lugar em si. Ela girava preguiçosamente, mas não antes de ele ler as palavras POSTO E LOJA DE CONVENIÊNCIA DO BIG EDDIE. Soltou um suspiro de alívio. Era bom saber que algumas coisas permaneciam iguais. Mesmo depois de tudo.

Ele entrou no posto, os pneus da caminhonete batendo na mangueira preta. Uma campainha soou em algum lugar lá dentro quando ele parou ao lado da bomba. Desligou o carro, ouvindo o motor estalar.

Ele passou uma mão pelo rosto antes de abrir a porta e pôr os pés no chão. Alongou as costas, ouvindo-as estalar. Tinha apenas vinte e sete anos, mas a época em que conseguia ficar sentado em um carro por horas sem problemas era coisa do passado. Seus músculos se alongaram. A sensação era boa.

A porta de vidro da loja de conveniência se abriu e um homem corpulento saiu, enxugando as mãos em um pano. Se não fosse pelo sorriso em seu rosto, o homem seria assustador. Ele nunca tinha visto ninguém daquele tamanho em nenhum outro lugar. Devia ser o ar das montanhas.

— Ora, ora, olha só quem deu as caras — comentou Big Eddie Green, sua voz grave. — Nate Cartwright, que surpresa.

Nate forçou um sorriso.

— Big Eddie. É bom ver que você ainda está administrando esta espelunca.

— Olha a boca — falou Big Eddie, mas ainda sorrindo de modo carinhoso, seus dentes um pouco tortos.

Ele estendeu uma mão grande com alguns respingos de óleo. Nate não se importou. Também estendeu a sua. O aperto era firme, mas Big Eddie não estava tentando ser um babaca. Ele não era assim, pelo menos, não que Nate soubesse. Não o via desde que tinha vinte e um anos, a última vez que fora até a cabana. E não era como se eles fossem *amigos*, embora Big Eddie pudesse fazer amizade com qualquer um que quisesse. Havia algo no seu jeito de sorrir que deixava Nate à vontade. Era familiar. De um jeito doloroso.

— Subindo a montanha? — Big Eddie já estava indo até a bomba. — Gasolina comum, ok?

— Sim, tudo certo — disse Nate, encostando-se na caminhonete. Ele olhou pela janela da conveniência do posto. Lá dentro, havia um garoto curvado sobre o balcão, rabiscando algo furiosamente, sua língua presa entre os dentes como se estivesse muito concentrado. — Meu Deus, aquele é o Benji?

Big Eddie riu.

— Sim — respondeu, e Nate percebeu em sua voz um carinho puro e doce. — Está crescendo muito rápido. A mãe dele e eu mal conseguimos acompanhá-lo. É bem complicado. Que loucura, né?

— É — falou Nate, porque ele deveria concordar.

Era assim que conversas funcionavam. Era assim que as pessoas falavam umas com as outras. Ele não era muito bom nisso. E agora que estava fugindo para o meio do nada, não achava que teria muito mais prática do que isso.

A bomba de gasolina zumbiu.

Big Eddie assobiou ao olhar para a caçamba da caminhonete.

— Você tem muitos suprimentos aí. Está planejando ficar bastante tempo?

Nate deu de ombros.

— Um tempo, pelo menos.

O sorriso suavizou.

— Sinto muito pelos seus pais. É... bem. Não sei muito o que dizer além disso. Deve ter sido difícil. Não consigo imaginar como é, então não vou insultá-lo fingindo que imagino.

Nate não sabia bem como responder. Difícil, com certeza. Ah, sim, tinha sido difícil. Homicídios seguidos de suicídios geralmente eram. Seu pai tinha ido à casa de sua mãe, sentindo-se magoado e de mau humor, como costumava ficar quando bebia. Houve uma briga. Os vizinhos disseram que ouviram gritos, mas pensaram que era a televisão ou apenas uma briga de casal comum na qual não conseguiam encontrar meios de intervir. Nate não os culpou, particularmente quando seu pai foi até a caminhonete em que Big Eddie e ele estavam encostados agora, pegou sua espingarda, enfiou-a casa adentro e atirou na ex-esposa antes de usá-la contra si mesmo.

Era difícil fazer isso, o detetive lhe dissera, com suavidade e exaustão. Cometer suicídio com uma espingarda. Mas o pai de Nate havia encontrado um jeito. Sentou-se em uma cadeira, apoiou a arma entre as pernas. O cano foi para baixo do queixo, e ele usou o dedão do pé, de todas as opções, para puxar o gatilho. Uma bagunça.

Pelo menos, Nate presumiu que tinha sido. Ele não entrou na casa da mãe depois do ocorrido. Seu irmão havia cuidado de tudo. Existem prestadores de serviços, o irmão lhe informou por telefone. Foi a primeira vez em anos que se falaram. Eles vão até cenas de crime e as limpam. Cobram um rim, mas cuidam do que podem. Não conseguem resolver tudo, é claro, mas é para isso que servem os pedreiros. Consertariam a casa antes que fosse colocada à venda.

Mais tarde, eles se falaram mais uma vez. Papai deixou a caminhonete para você, disse o irmão. E mamãe deixou a cabana.

Ah, foi tudo o que Nate conseguiu responder. Ah.

O que ele *queria* ter dito era: como isso pôde acontecer? Como chegou a esse ponto? Claro que os pais tiveram seus problemas — eles eram divorciados, pelo amor de Deus. Mas seu pai nunca levantou um dedo. Para *ninguém*. Ele não era o cara mais legal do mundo, mas nunca bateu neles. Ou nela. Nem uma vez. Ele não era assim.

— É — disse Nate para Big Eddie. — Difícil.

Big Eddie assentiu.

— Você religou a água?

— Telefonei para eles há alguns dias. Devem vir amanhã. O gerador cuidará do resto. Provavelmente, não estará muito frio. Não por muito tempo.

— Ah, sim. A neve acabou. Este ano tivemos um inverno ameno. No Natal fez uns quinze graus, dá para acreditar? Presumo que você queira que eu encha os galões que trouxe.

— Se puder.

— Posso, sim, Nate. Você esteve lá desde...

— Não.

Big Eddie assentiu devagar enquanto tirava os botijões vazios da caminhonete.